

A expressão de habitualidade em contextos discursivos no Kaingang Sul (Jê)

(The expression of habituality in discursive contexts in Southern Kaingang (Gê))

Solange Aparecida Gonçalves

Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) — Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)/ CNPq

solangeapg@gmail.com

Abstract: In this work I make considerations about the function of aspectual marker carried out by the final orational particle *tĩ* in Kaingang language of the South (family Gê, trunk Macro-Gê). This indigenous language is spoken in Southern Brazil by a population of about 30 thousand people. The particle *tĩ* (derived of the verb 'to go' - singular) in the function of aspectual marker is devoted mainly to the expression of habituality. Habitual is understood here as the repeated occurrence of an event during a certain period of time, and that repetition is taken as an inherent characteristic of that period of time, not getting confused with iterative.

Keywords: Kaingang language, aspect, habitual.

Resumo: Este trabalho traz considerações sobre a função de marcador aspectual desempenhada pela partícula oracional final *tĩ* na língua Kaingang do Sul (família Jê, tronco Macro-Jê) em contextos discursivos (orais e escritos). Essa língua indígena é falada no Brasil Meridional (de São Paulo ao Rio Grande do Sul) por uma população de cerca de 30 mil pessoas. A partícula *tĩ* (derivada do verbo 'ir' - singular), na função de marcador aspectual, está ligada principalmente à expressão de habitualidade. Habitual será entendido aqui como a ocorrência repetida de um evento durante um certo período de tempo, sendo que essa repetição é tomada como uma característica inerente desse período de tempo, não se confundindo com iteratividade.

Palavras-chave: Língua Kaingang; aspecto; habitual.

1. Introdução

Neste trabalho, um recorte da minha pesquisa de Doutorado (*Tempo, aspecto e modo em contextos discursivos na língua Kaingang do Sul (Jê)*), faço uma breve discussão sobre algumas questões ligadas à aspectualidade na língua Kaingang. Mais especificamente traço considerações sobre o marcador de Aspecto *tĩ*, que, em muitos contextos, relaciona-se à expressão de habitualidade na língua.

A língua Kaingang pertence à família Jê, do tronco Macro-Jê (cf. RODRIGUES, 1999). Os Kaingang correspondem a quase 50% de toda a população dos povos de língua Jê, sendo um dos cinco povos indígenas mais populosos no Brasil — cerca de 30 mil pessoas — distribuídas em aproximadamente 40 áreas não contíguas no Brasil Meridional desde o Estado de São Paulo até o Rio Grande do Sul.¹

Dada a extensão na distribuição geográfica desse povo, ainda que seja possível falar-se de “uma língua Kaingang”, nem sempre é possível falar de determinados fatos linguísticos como fatos “da língua Kaingang”. Wiesemann² (1971 e 2002), utilizando critérios mais propriamente geográficos, afirma que as comunidades Kaingang

¹ Vide maiores informações: www.portalkaingang.org

² Pesquisadora missionária do SIL (Summer Institute of Linguistics) que sistematizou a língua Kaingang nos anos 60 com base em uma pesquisa conduzida inicialmente sobre o dialeto Kaingang falado em Rio das Cobras (PR). Para maiores detalhes da distribuição dialetal dos Kaingang apresentada por Wiesemann pode-se consultar seu trabalho de 2002, p. 8 (vide bibliografia).

desenvolveram cinco dialetos. D'Angelis (2008) discorda dessa classificação, apontando que “embora didática, não é segura ou razoável em muitos aspectos”. Alternativamente – e tratando, em seu trabalho, da Fonologia do Kaingang – D'Angelis emprega uma distinção em macro-dialetos: Kaingang PR, Kaingang SP e Kaingang Sul (i.e, SC e RS). Necessário, então, apontar inicialmente que é esta asserção que acompanho em minhas pesquisas ao considerar a língua Kaingang do Sul, seguindo a distinção proposta por esse autor.³

Para a discussão que aqui pretendo trazer, estarei utilizando dados recolhidos por mim junto a comunidades Kaingang do Rio Grande do Sul em abril e julho de 2008, provenientes de gravações de narrativas e falas espontâneas transcritas e traduzidas ainda em campo com o auxílio de uma professora Kaingang (MN). Além deles, exemplos oriundos de outras fontes poderão ser utilizados e estarão indicados no próprio corpo do trabalho. Por uma questão metodológica os enunciados em Kaingang estarão em itálico (destacando-se o marcador de Aspecto *ĩ* em negrito) e as transcrições serão ortográficas, seguindo-se a tradução em Português. Em anexo, ao final do trabalho, encontram-se as abreviações utilizadas.

2. Algumas considerações teóricas - noções relativas à categoria de Aspecto

Na teoria linguística não há um consenso para a noção de Aspecto. As muitas definições e delimitações para a questão aspectual evidenciam que ela não é tomada com os mesmos critérios por diferentes linguistas. Em várias acepções (não citadas aqui por não serem primordialmente meu objetivo), nota-se, na maioria das vezes, mais propriamente uma preocupação taxonômica exaustiva e via de regra, refletem teorias que não se interessam pela explicação dos fenômenos.⁴

Entretanto, definições como as que se encontram a seguir, apesar de demonstrarem e manterem diferenças, apontam para o que importa, que é considerar a categoria aspectual como não-dêitica. Comrie (1976, p. 1-3) chama atenção que há uma confusão terminológica entre *Tense* e *Aspect*. Para esse autor, o termo Aspecto designa a perspectiva tomada sobre a organização interna da situação e, dessa forma, distingue diferentes pontos de vista da constituição temporal da mesma situação; entretanto, Aspecto não é uma categoria dêitica (COMRIE, 1976, p. 3 e 5).

Para Lyons (1979), Aspecto também não é uma categoria dêitica:

...a categoria do aspecto inclui uma larga variedade de distinções possíveis. Como distinções temporais, todas elas se relacionam com o tempo; mas como diz Hockett, relaciona-se com o ‘contorno ou distribuição temporal’ de uma ação, acontecimento ou estado de coisas, e não com sua ‘localização no tempo’. O aspecto, diferentemente do tempo, não é uma categoria dêitica e não se refere ao momento do enunciado. (p. 331)

Em Ilari e Basso (2008), Aspecto é assim definido:

Por definição, o aspecto não tem nada de dêitico, expressa ao contrário uma opção do falante no sentido de representar o estado de coisa expresso pelo verbo segundo uma

³ Entenda-se, portanto, que D'Angelis reconhece uma realidade mais rica e mais complexa de distinções dialetais do que aquela proposta por Wiesemann, mas para grande parte dos principais fatos linguísticos, julga adequado distinguir não mais que 3 macro-dialetos.

⁴ Pode-se consultar para uma discussão sobre estas questões o trabalho de Sasse (2002) (vide Bibliografia).

‘perspectiva’ (na palavra *aspecto* está presente a raiz indo-europeia *spek*, a mesma que encontramos em *perspectiva*) que permite considerá-lo em bloco, ou em parte, isto é, numa de suas fases. (p. 167)

Assim, ao considerar a diversidade de conceitos relativos à categoria aspectual, julgo necessário assinalar que acompanho, neste trabalho, essa proposição geral para Aspecto, que o considera uma opção do falante ao expressar-se sem, no entanto, fazer referência a um ponto de ancoragem relativo ao enunciado.

Em relação ao Kaingang, em descrições anteriores da língua, não há tampouco uma abordagem consensual sobre o assunto. Guérios (1942, p. 125), por exemplo, aponta, em relação às distinções temporais nos verbos:

como todas as línguas primitivas, o caingangue desconhece as distinções temporais nos verbos (...) assim é que em muitas orações do português distintas em relação à cronologia, correspondem frases caingangue em que o verbo parece servir para qualquer tempo. É que o discurso caingangue obedece às arcaicas distinções do aspecto (a ação é caracterizada pelo seu desenvolvimento)⁵.

Wiesemann (1971, p. 269-272), por sua vez, em seu trabalho *Dicionário Kaingáng-Português/Português-Kaingáng*, que foi reeditado em 1981 e em 2002, faz notar que os verbos podem se combinar com muitos indicadores de Aspecto ou de Modo, mas não apresenta uma definição conceitual de Aspecto, apenas indicações de uso. Segundo a autora, “os indicadores de Aspecto seguem os verbos e descritivos ou substantivos em função predicativa, mas podem ser precedidos de indicadores de Modo e pronome sujeito”. Já na edição de 2002 (sob o título *Kaingang-Português -- Dicionário Bilíngue*), Wiesemann trata de indicadores de Aspecto (‘ind. a’, na sua abreviação no original), em um Apêndice (1971, p. 153-173):

os indicadores de aspecto terminam a oração mas podem ser seguidos por certos indicadores de opinião. Muitos indicadores de aspecto são homófonos com verbos, dificultando a análise. Há indicadores de aspecto Perfectivo (...) Eles indicam uma ação do ponto de vista global, sem ver as partes da ação, mas diferenciam-na por ser feito em pé, sentado, deitado, andando ou por uma pessoa ou várias. (p. 156)

Como se observa, as referências sobre Aspecto em relação à língua Kaingang não são muito esclarecedoras. Assim, torna-se necessário, da mesma maneira que anteriormente, explicitar que considero para o Kaingang o emprego da noção de Aspecto como categoria gramatical para definir a função desempenhada por um conjunto de partículas oracionais que ocupam posição na oração com frequência, imediatamente depois do verbo. Nessa língua os marcadores de Aspecto de origem verbal são dessemantizados ou têm seu conteúdo semântico reduzido a um conceito abstrato, para cumprir aquela função.

2.1 Imperfectividade e Habitualidade

Em relação à categoria aspectual constitui caso prototípico a oposição morfológica entre Aspecto Imperfectivo e Perfectivo. Os termos são empréstimos traduzidos do Russo ‘*nesoveršennyj vid*’ “ponto de vista incompleto” e ‘*soveršennyj vid*’ “ponto de vista completo” e também de termos antigos criados por Curtius: ‘*dauernd vs eintretend*’ (SASSE, 2002, p. 209). Em termos da linguística geral, a

⁵ Conforme Guérios (1942, p. 125), a “categoria dos tempos verbais é a evolução da categoria de aspecto”.

distinção entre Perfectividade e Imperfectividade (e dentro desta o interesse neste trabalho recai sobre a expressão de habitualidade) também não é concebida de forma unânime. Abaixo cito apenas dois autores que abordam essa distinção de maneira um pouco diferenciada; porém, ambos concordam que Habitual não é necessariamente sinônimo de iteratividade.

Comrie (1976, p. 4) assume que Perfectivo é um olhar de fora sobre a situação, sem distinguir, nela, estruturas internas, enquanto que Imperfectivo é um olhar de dentro, ou seja, da estrutura interna da situação. Questiona frequentes definições que podem ser encontradas, tais como: Perfectivo indica uma situação de curta duração enquanto Imperfectivo indica uma situação de longa duração; ou, Perfectivo não pode ser definido como descrevendo uma situação com limite, oposto de não-limitado, descrevendo duração. Para a primeira, coloca que a asserção é facilmente contradita em exemplos de línguas individuais e para a última, mostra exemplos em Russo e Grego Antigo em que formas Perfectivas e Imperfectivas podem ser usadas como descrevendo duração. Comrie (1976, p. 25, 27) divide o Imperfectivo em: i) Habitual e ii) Contínuo, questionando algumas definições nas quais Habitual é essencialmente o mesmo que ‘iteratividade’, isto é, repetição da situação, a ocorrência sucessiva de ‘muitos exemplos’ de uma dada situação. O autor contesta esta definição defendendo que habitualidade difere de iteratividade: “uma característica comum a todos os Habituais é descreverem uma situação que é característica de uma extensão de período de tempo, mas a ‘iteratividade’ pode ou não estar presente” (COMRIE, 1976, p. 27).

Bertinetto, trabalhando principalmente com a língua italiana, toma o Aspecto Perfectivo como aquele que apresenta uma visão global do evento em questão, ou ainda como aquele que apresenta o ponto final de um evento ou a perspectiva do final do evento, ainda que expresse somente a intenção dessa conclusão (não é necessário que o evento esteja realmente acabado ou concluso). Assim, o Perfectivo faz referência ao evento precisamente determinado no seu plano temporal e se refere normalmente a uma ocorrência singular (BERTINETTO, 1986, p. 191). O Imperfectivo, por outro lado, não implica atrelamento a *telos* e divide-se em:

a) Habitual: o evento é apresentado sob um ponto de vista no qual ele se repete num dado período de tempo. É compatível com advérbios “em X Tempo”; “até X Tempo”; “de Y a X Tempo”; “entre X e Y Tempo”, referindo-se aos eventos e não ao número de ocorrências do evento;

b) Progressivo: há a existência de um momento de focalização onde o processo pode ser observado em curso ou em desenvolvimento e um estado de indeterminação do prosseguimento do processo além desse ponto de focalização;

c) Contínuo: não individualiza um único instante e se apresenta preferencialmente com ‘estatividade’, mas não se acompanha incondicionalmente de qualquer tipo de advérbio de duração.

Nesses dois autores brevemente citados o que é importante e que aqui interessa focalizar é a questão da concordância sobre a perspectiva Imperfectiva Habitual que pode apresentar um evento sob o ponto de vista no qual ele se repete em um dado período de tempo, mas essa repetição pode não significar ‘iteratividade’, pois é a própria ocorrência do evento que é recorrente, e não o número de ocorrências do evento. Na língua Kaingang, como se poderá verificar nos exemplos arrolados no próximo item deste trabalho, corroboram para essa noção de habitualidade não se confundindo com iteratividade.

3. A perspectiva Imperfectiva Habitual em Kaingang

A partícula *tĩ* (derivada do verbo ‘ir’ - singular), na função de marcador aspectual, está ligada principalmente à expressão de habitualidade.

Minha dissertação de Mestrado (*Aspecto no Kaingang*), que abordou – ainda que não tenha resolvido totalmente – questões relativas aos marcadores aspectuais no Kaingang com base em um *corpus* de sentenças elicitadas com contextualização, apontava o marcador de Aspecto *tĩ* tendo como uma de suas principais funções evidenciar a escolha do falante, ao apresentar uma informação, em uma perspectiva Imperfectiva Habitual. As exemplificações atuais em contextos discursivos confirmam essa consideração anterior, mas é necessário notar, no entanto, que esta função atribuída a esse marcador aspectual pode não ser a única; outras construções estão ainda sendo verificadas e podem trazer novas contribuições ao estudo dessa língua.

Inicialmente e para efeito de ilustração e comparação, retomo alguns exemplos de meu trabalho anterior.

Na sentença:

- (01) *Inh panh ta kusã ki jun tĩ, ti ãn ki.*
1p pai ms cedo em v.chegar HAB 3p casa em
‘Meu pai sempre chegava cedo na casa dele’. (GONÇALVES, 2007)

a tradução apresentada, caracterizada por um predicado não-durativo (‘chegar’) com um adjunto durativo (‘sempre’), apresenta o evento sob o ponto de vista no qual ele se repete nesse dado período de tempo como um hábito. A repetição em questão não significa iteratividade; não é o evento que é intrinsecamente recorrente, mas sua própria ocorrência. É, pois, um evento veiculado sob a perspectiva Imperfectiva Habitual.

Em outras sentenças que sugerem habitualidade também há a ocorrência do marcador aspectual *tĩ*:

- (02) *Kyrũ vỹ prỹg kar mĩ ti panh mỹ ěpã han tĩ.*
rapaz ms ano todo ‘em’⁶ 3p pai para roça v.fazer HAB
‘O rapaz fazia roça para o pai dele todos os anos’. (GONÇALVES, 2007)

Em (02) o fazer ‘habitualmente’ a roça todos os anos não considera o número de ocorrências do evento, mas a recorrência do evento ‘fazer roça’.

- (03) *Inh régre fi vỹ vãfy hyn-han tĩ kurã kar ki.*
1p irmã fem ms artesanato v. fazer HAB dia todo em
‘Minha irmã fazia balaio (artesanato) todo dia’. (GONÇALVES, 2007)

Note-se que no dado (03) há expressão da multiplicidade da ação na forma do verbo *hyn-han* (‘fazer-fazer’) e habitualidade expressa pelo uso do marcador aspectual ‘*tĩ*’.

- (04) *Inh régre fi ta kre hyn-han tĩ*
1p irmão fem ms balaio v.fazer HAB
fi vẽne ke jé.
3pf v.vender v. fazer para
(a) ‘Minha irmã fazia balaio para vender’
(b) ‘Minha irmã faz balaio para vender’ (GONÇALVES, 2007)

⁶ O *mĩ* indica uma situação ‘interior a algo’, porém em movimento; em uma referência temporal, indica ‘ao longo de determinado tempo’.

Apesar de haver mais de uma tradução possível (**a e b**) do ponto de vista temporal, não se pode deixar de observar, entretanto, que ambas mantêm a noção de habitualidade. Como na sentença anterior (03), o verbo *hyn-han* (literalmente: ‘fazer-fazer’, sendo a forma do verbo *han* reduplicado) demonstra a multiplicidade da ação.

Uma outra observação pode ser feita ainda em relação aos enunciados (03) e (04) pois talvez haja a possibilidade em (03) de uma leitura iterativa; entretanto, ao meu ver, não necessariamente licenciada pela multiplicidade da ação, mas pela presença do adjunto adverbial durativo ((em/durante) todo dia), que mede não a duração de cada evento considerado individualmente, mas o tempo global dentro do qual ocorrem eventos do mesmo tipo (‘fazer balaios’). Já em (04) não parece haver essa leitura iterativa contextual.

(05) *Kanhgág si ag êmîn han tĩ governo mÿ.*
 índio antigo 3ppl estrada v. fazer HAB governo para
 ‘Os índios antigos abriram muitas estradas para o governo’. (GONÇALVES, 2007)

(06) *Ëg krê ta merenda ko tĩ, escola ki.*
 1ppl filho ms merenda v. comer HAB escola em
 ‘Nossos filhos comem a merenda na escola’. (GONÇALVES, 2007)

(07) *Sa kãgunh mâng mÿr inh pi kron tĩ.*
 (1p)+ms erva v. comprar mas 1p ms(neg) v. beber HAB
 ‘Eu comprei (uma) erva, mas eu não tomo (chimarrão)’. (GONÇALVES, 2007)

Na sentença:

(08) *Kanhgág si ag ta ka tÿ pĩ han tĩ.*
 índio antigo 3ppl ms ‘pau’ com fogo v. fazer HAB
 ‘Os antigos sabiam fazer (faziam) fogo com ‘pauzinhos’’. (GONÇALVES, 2007)

o evento é representado com o uso do marcador **tĩ** sob um ponto de vista no qual ele se repete habitualmente: o evento de ‘fazer fogo’, em um determinado período de tempo, ‘os antigos, ‘naquela época deles...tinham como hábito...’. O mesmo vale para ‘abrir estradas’ pelos antigos índios (em 05); comer merenda (todos os dias) pelas crianças na escola (em 06) ou não ter o hábito de tomar chimarrão (em 07, onde também se pode ler em negativo: ter o hábito de não tomar chimarrão).

Ainda uma outra exemplificação interessante:

(09) *Kanhgág kófa ag ta ãprã nĩgnĩg tĩ.*
 índio velho 3ppl ms chão v. sentar HAB
 ‘Os índios velhos gostavam de sentar no chão’. (GONÇALVES, 2007)

onde a tradução lança mão do termo ‘gostar’, embora não o encontremos expresso na frase original Kaingang. O que dá a ideia de algo que é recorrente, habitual, é o uso do marcador **tĩ**.

Essas exemplificações demonstram que, diferentemente do apresentado em Wiesemann (2002), o marcador **tĩ** está expressando ao ser utilizado pelos falantes Kaingang uma perspectiva Imperfectividade apresentando eventos habituais.

Retomemos, então, exemplos desse marcador nos dados de 2008 em contextos discursivos e que corroboram a acepção demonstrada em 2007.

O trecho transcrito abaixo é parte de uma conversa informal entre duas senhoras (TV e TK) Kaingang de Nonoai (RS) que, ao dar continuidade na conversa, mudam de assunto e começam a falar sobre o que o filho de uma delas perguntou, quando pequeno, para a avó (uma das mães delas⁷). Os parágrafos numerados sequencialmente facilitarão a discussão posterior.

- (10) (...) - “Vovó! Ag ser... *Ājag vāsŷ ājag kaga kŷ, ājag hāre tī*”.
vovó! 3pl assim... 2pl antigamente 2pl doente então 2pl interrogativo HAB
-“Vovó, eles... Vocês antigamente quando ficavam doentes como faziam?”
- (11) *Fi ny kã tŷvĩn ěg tŷ tī*.
3f v. rir então muito 1pl ms HAB
'Nós rimos muito dela'.
- (12) -“*Ēg kaga kŷ ěg tŷ Topẽ mŷ tó tī*”, *ke fi tŷ tī* (risos...).
1pl doente então 1pl ms *Topẽ*⁸ ms v. contar HAB v. dizer 3f ms HAB
-“Quando ficamos doentes nós contamos para *Topẽ*”, ela disse. (risos...)
- (13) -“*Inh mŷ ven tŷvĩn fi nĩm vé*”, *ke tŷ tī*. (risos...).
1p para v. mostrar muito 3f v.dar ms, v. dizer ms HAB
-“Agora ela mostrou para mim”, diz ele. (risos...)
- (14) (...) - “*Mŷnh fag ne tŷ hāra ser vāsŷ Topẽ mŷ tó tī*”,
mãe 3fpl (ms ms) mas assim antigamente *Topẽ* para v. contar HAB
ke fag tŷ tī.
v.dizer 3fpl ms HAB
-“As mães antigamente já contavam para ‘*Topẽ*’, diziam elas.
- (15) *Ēg Topẽ ki kagtĩg ra ěg tŷ Topẽ tŷ ěg vej ke tī*,
1pl *Topẽ* não saber/ignorar apesar de 1pl ms *Topẽ* ms 1pl v.cuidar(fut) v.fazer HAB
ham, òn kŷ.
assim v. contar então
'Mesmo sem conhecer *Topẽ*, a gente fala, *Topẽ* vai cuidar de nós’.⁹

É necessário destacar, antes de proceder a uma breve discussão do trecho acima, que, apesar da utilização de contextos discursivos orais e escritos, em princípio (pelo menos neste momento), não estarei tratando diretamente de questões de Discurso ou de Análise de Discurso, mas mais propriamente de sintaxe e semântica nesses contextos. Certamente elementos de ordem discursiva serão necessários para um melhor entendimento das construções apresentadas e serão utilizados quando necessário. Pode-se perceber, por exemplo, que o discurso é polifônico; muitas vozes (em muitos momentos) aparecem no mesmo parágrafo. Várias referências dizem respeito a contextos citados anteriormente e que o enunciador pressupõe que eu, como ouvinte, lembre do que já foi contado ou saiba sobre o que ele está falando.

Assim, no enunciado (10), como já mencionado, a senhora retoma uma fala do filho quando pequeno ao perguntar para a avó como faziam ao ficarem doentes. A presença do *tī* faz com que o sentido pretendido na pergunta fosse algo como:

⁷ Nos Kaingang as irmãs da mãe são também consideradas mães, assim como os irmãos do pai são considerados pais.

⁸ Faço uma opção ao não traduzir o termo, pois acho que Deus e *Topẽ* possuem diferentes significações.

⁹ Aqui talvez o sentido mais aproximado (e menos literal) em Português seria: *Topẽ nos ajude!*

‘antigamente o que / ou como vocês faziam *habitualmente* (*normalmente*) quando estavam doentes’?

Já em (11) há uma certa inversão na ordem da narrativa, antecipando a reação delas ao que será dito no parágrafo posterior; pois elas, naquele tempo..., quando essa mãe delas falava sobre esse assunto... elas ‘riam dela’, ‘achavam graça’ — quando ‘a avó’ respondia o que se segue em (12). A presença do *tĩ* coloca a possibilidade do enunciado ser assim traduzido: ‘Nós *ríamos* muito dela’, mostrando o interlocutor se colocando, se localizando naquele momento de evento lembrando sua reação lá, e possivelmente ao fato de que esse “ríamos” deve fazer referência não apenas àquela conversa, naquele dia, mas a conversas repetidas, a outros momentos nos quais provocavam a avó com esse ou outros assuntos “dos tempos antigos”, que as faziam rir a respeito do que a avó contava, ou da forma como ela contava. Entretanto, o enunciado não deixa de marcar que isso era também algo habitual (indicado pelo *tĩ*), já que o que ‘essa mãe’ delas falava era algo anteriormente dito para ela e que já acontecia em outros tempos: ‘as mães contavam para *Topẽ* quando ficavam doentes...’. Isso está apontado no enunciado (14) com o uso do evidencial *ne tỹ* ‘diz que’ colocando no contexto a informação que, provavelmente também foi ouvida (pela ‘avó’) de ‘suas mães’ (e aí talvez se explique a utilização do pronome de 3ª pessoa feminino plural *fag* ‘elas’), daquilo que era recorrente, habitual: “Diz que as mães antigamente já contavam para *Topẽ*, diziam elas”.

Mas ainda há uma observação em relação ao enunciado (12) que mostra a resposta da avó no qual a presença do marcador aspectual *tĩ* faz o fechamento da fala. Aqui o que se tem concretamente na materialidade do enunciado é um deslocamento da temporalidade para o momento do evento verificada a partir dessa tradução fornecida por falantes nativos do Kaingang ao apresentarem *ke fi tỹ tĩ* como ‘ela disse’, em vez de ‘ela dizia (isso)’ (tradução esta que melhor expressaria a ideia de imperfectividade e habitualidade). Pode-se pensar pelo menos em dois caminhos: 1) a pessoa está contando, mas pelo fato de ter presenciado o evento, ao citar literalmente o que a outra pessoa falou, desloca a referência temporal da narrativa resultando esta tradução: ‘ela disse’ (ela respondeu..., ela falou assim — naquele momento em que o evento estava ocorrendo...); ou 2) a tradução também poderia ser ‘ela dizia’, já que o sentido pretendido com o uso do *tĩ* é mostrar habitualidade.

Retomando, então, as exemplificações, seguem-se outros enunciados nos quais também a presença do marcador aspectual *tĩ* responde pela perspectiva habitual.

Neste outro trecho abaixo pode-se verificar esse mesmo uso de *tĩ*. É um relato pessoal onde uma senhora (TK) Kaingang de Nonoai conta como aprendeu a fazer balaios. Pode-se notar que a perspectiva Imperfectiva e Habitual da narrativa é dada pelo marcador aspectual *tĩ*.

(16) *Hãra inh nĩ kejẽn posto tá, nĩj tĩ mũ ser ham (...)*
mas 1p v. morar um dia posto lá v. morar (fut) v. ir PERF então/daí assim
‘Mas um dia eu fui morar lá no posto’.

(17) *kỹ inh ne ser, sỹ tia Verda fi hã mré vãn kan tĩ tĩ,*
então 1p ms assim (1p) +ms tia Verda fem ênfase¹⁰ junto/com taquara v.ir HAB
‘Então eu ... eu ia buscar taquara com a tia Verda (...)’

¹⁰ Apesar de ser traduzido normalmente como ‘igual / parecido’, o sentido aqui de *hã* é algo mais propriamente para um enfático no discurso: ‘é com ela mesma’ - há uma especificação da pessoa citada.

- (18) ... *hãra fi panh tỹ ãg mỹ*: “*ãjag vagfyn kỹ ija jagmỹ*
 mas 3p pai ms 1pl para 2pl balaios então (1p)+ms para vocês/de vocês
génh¹¹ kỹ tĩg”, *ke tĩ*.
 levar várias coisas então v., andar, v.dizer HAB
 ‘... e o pai dela dizia para nós: “se vocês fizerem balaios eu levo para vocês”’.
- (19) *Kỹ ãg tỹ ti mỹ hynhan tĩ ser, ke inh nĩm*.
 então 1pl ms 3p para v.fazer/fazer HAB assim v.dizer 1p (asp asp)
 ‘Então nós fazia para ele’.
- (20) *Kỹ tỹ kejẽn jun ke tĩ, kusãki, kỹ tỹ ser “fia... ãjag vãfy*
 então ms as vezes v.chegar v.fazer HAB de manhã então ms assim “filha...2pl artesanato
mỹ kynkar ser,
 pron. int. prontos assim
isỹ ãjag mỹ ón¹² kỹ ã gégltĩg jé”, *ke tĩ*.
 (1p)+ms 2pl para ‘experimentar’ então pron.ind. v.levar para, v.dizer HAB
 ‘Então às vezes de manhã ele chegava (aparecia) e perguntava: “filha ... os balaios de vocês já estão prontos”, ele dizia’.

Inicialmente deve-se observar que o **tĩ** presente em (16) é verbo ‘ir’ e não Aspecto. Assim também em (17) o primeiro **tĩ** é verbo e o segundo é o aspectual: o evento de ‘ir buscar taquara’ para fazer o artesanato é que está marcado. A construção do enunciado em (18) mostra a fala do pai da tia Verda que ‘dizia’ para elas que ‘se elas fizessem os balaios, ele levaria para vender’. Expressa, pois, uma fala recorrente, por isso ‘ele dizia’.

Pode-se perceber que isso era habitual pelo uso de **tĩ** em (19): ‘então nós fazíamos (habitualmente)... — o verbo *han* ‘fazer’ (reduplicado) é que está marcado. Nesse enunciado há novamente a posição de quem fala deslocada para o momento do evento. Apesar de não traduzido pela minha auxiliar de transcrição, o final da enunciação com *ke inh nĩm* ‘eu disse’ mostra que ela responde para o tio e aqui não explicitamente há algo mais ou menos como uma continuação em resposta à fala dele, em um enunciado indireto: ‘(eu disse) que nós iríamos fazer para ele’.

Também fechando esse trecho de narrativa, o enunciado (20) está evidenciando a expressão de habitualidade na ocorrência dos eventos relatados: ‘o pai (da tia Verda) aparecia (resultado de *jun* ‘v. chegar’ + *ke* ‘v. fazer’ = ‘v. aparecer’) às vezes, de manhã, perguntando se os balaios delas já estavam prontos para ele levar... era isso que ele dizia’.

Para finalizar trago mais um outro exemplo interessante onde apesar do Aspecto **tĩ** estar marcado morfológicamente por *j* (indicação de Tempo Futuro) - **tĩj** - ainda se mantém a ideia de habitualidade:

- (21) *Kỹ ser genho ta ser, kusãki ser inh panh ta*
 então assim engenho ms assim de manhã cedo assim 1p pai ms
genho ãn to ser monh vin tĩj.
 engenho p. dem. em direção assim boi v. colocar HAB(fut)
 ha isa kinhra sĩ tỹ tĩg.
 agora (1p+ms) v. saber pequeno com/por asp
 ‘Então o engenho, de manhã, meu pai colocava os boi no engenho, lembro um pouquinho’.

¹¹ *Génh* = levar várias coisas / *vyn* = levar uma coisa.

¹² *ón* aqui aparece no sentido de ‘experimentar’ = que ele experimentaria, ele tentaria levar para vender.

Neste dado (21) é o *tij* que responde pela ocorrência do evento ‘colocar os bois pela manhã no engenho’ como sendo uma atividade realizada habitualmente pelo pai dela (provavelmente todos os dias...).

Como se pôde observar nessas exemplificações da língua Kaingang do Sul, em contextos discursivos não há iteratividade expressa pela presença do marcador *tĩ* nos enunciados, o que confirma que a expressão de habitualidade pode diferenciar-se de iteratividade.

4. Considerações finais

Essa breve exposição teve o intuito de abordar uma questão e uma área ainda pouco trabalhada nos estudos de línguas indígenas brasileiras, e com poucos estudos consistentes no que se refere às línguas Jê. Buscar reflexões sobre a língua Kaingang a partir de contextos discursivos procura trazer para o conjunto de conhecimento acumulado e para a reflexão linguística como um todo fatos de uma língua não indo-europeia que poderão contribuir ao avanço da compreensão que hoje se tem das teorias que buscam entender as categorias gramaticais de Aspecto (e também de Tempo) e que são ainda muito divergentes e incongruentes.

Mesmo a seleção presente nesta pequena apresentação, de um dos marcadores de Aspecto do Kaingang que parecem menos controversos, revela a necessidade de distingui-lo de outras noções aspectuais. A discussão da categoria gramatical de Aspecto, a partir de uma língua indígena brasileira, aponta para a riqueza de questões ainda em aberto a serem investigadas no amplo leque de línguas indígenas no Brasil.

ANEXO - ABREVIACÕES UTILIZADAS

asp = Aspecto

fem = marcação de feminino

fut = Futuro

HAB = Aspecto Imperfectivo Habitual

ms = Marca de Sujeito

PERF = Aspecto Perfectivo

p. dem = pronome demonstrativo

p. ind = pronome indefinido

p. int. = pronome interrogativo

v. = Verbo

1p = 1ª pessoa singular

2p = 2ª pessoa singular

3p = 3ª pessoa masculino singular

3pf = 3ª pessoa feminino singular

1pl = 1ª pessoa plural

2pl = 2ª pessoa plural

3pl = 3ª pessoa masculino plural

3fpl = 3ª pessoa feminino plural

(1p)+ms = 1ª pessoa singular com marcação de Sujeito

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTINETTO, Pier Marco. *Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano. Il sistema dell'indicativo*. Florença: Accademia della Crusca, 1986.

COMRIE, Bernard. *Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1976.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Pensar o Proto-Jê Meridional e visitar o Proto-Jê, numa abordagem pragueana - Relatório Acadêmico de Pós-Doutorado*. Brasília: UnB. Inédito, 2008.

GONÇALVES, Solange Aparecida. *Aspecto no Kaingang*. 2007. 219f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, 2007.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. Estudos sobre a língua caingangue. Notas histórico-comparativas (dialeto de Palmas - dialeto de Tibagi) - Paraná. *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba, v. II, p. 97-177, 1942.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. Classes de palavras e processos de construção.3. O verbo. In: NEVES, Maria Helena de Moura; ILARI, Rodolfo (Orgs.). *Gramática do Português Falado Culto no Brasil*. V.II Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. p. 163-365.

LYONS, John. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. Cap. 3 (Categorias Gramaticais), p. 285-350.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 164-206.

SASSE, Hans-Jürgen. Recent activity in the theory of aspect: Accomplishments, achievements, or just no progressive state? *Linguistic Typology*, v.6- n°2, p. 199-271, Mouton de Gruyter, 2002.

WIESEMANN, Ursula. *Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng*. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL), 1971. Reeditado em 1981.

_____. *Dicionário Kaingáng-Português, Dicionário Bilingue*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.